

Renzo Allegri

Madre Teresa
ME DISSE

As recordações de um jornalista e amigo
da Santa de Calcutá



NOTA INTRODUTÓRIA

No dia 26 de agosto de 1910, nascia Madre Teresa de Calcutá, a mulher que, com seu amor pelos pobres, assombrou e conquistou o mundo.

Em 2010, no centenário de seu nascimento, houve milhares de manifestações para comemorar e honrar esta religiosa que, em 2016, foi proclamada santa pelo Papa Francisco. Dioceses, paróquias, mas também administrações civis, associações culturais, movimentos não confessionais, mobilizaram-se espontaneamente. Não apenas no mundo cristão, mas também islâmico, hebreu, hinduísta, budista, taoísta, xintoísta etc. Madre Teresa é uma personagem universal, ecumênica, amada por todos.

Também os meios de comunicação envolveram-se amplamente no coro de celebrações de Madre Teresa. Os artigos nos jornais, os documentários de rádio e TV, os livros, são incontáveis. E nesse mar de publicações, insere-se também nosso pequeno volume.

Não é uma biografia da santa, nem tem as características de uma narrativa histórica da existência terrena de Madre Teresa. Trata-se da recordação de um cronista que, por razões profissionais, teve o privilégio de encontrar-se diversas vezes com a extraordinária Irmã. Sendo assim, dou espaço aqui, sobretudo, às suas palavras.

Madre Teresa falava pouco. Era, principalmente, um ícone. Transmitia pensamentos, reflexões, com a própria

imagem. O seu vulto, o seu sorriso, as suas rugas profundas e sofridas, os seus olhos, as suas mãos e os seus pés deformados pelas artroses, sua figura pequena e curvada, o seu caminhar sofrido, contavam sofrimentos e dores, de cansaço físico permanente, por um trabalho que não conhecia repouso, e testemunhavam uma doação total, absoluta, incondicional aos outros, aos mais necessitados da terra.

Quando as circunstâncias a constrangiam a exprimir-se com palavras, Madre Teresa era sempre breve e sintética. Falava com voz submissa, humilde e afetuosa. Tendo-a entrevistado diversas vezes, e em algumas ocasiões com o objetivo específico de narrar a sua vida, tive ocasião de “registrar” várias conversas com ela. Palavras da Madre pronunciadas para contar episódios, para fazer uma recomendação, para sugerir uma reflexão. Mas, precisamente, porque são palavras da Madre, assumem um valor grande e extraordinário.

Enquanto colocava em ordem as palavras de Madre Teresa, extraíndo-as das várias entrevistas que havia feito com ela, tive a impressão de reviver aqueles encontros, de escutar sua voz afetuosa, de ver seu rosto, seus olhos. Uma impressão belíssima, mas que me levou logo a refletir sobre o fato de que não era uma impressão, mas uma realidade: Madre Teresa está viva, mais viva do que quando estava nesta terra, e está sempre perto das pessoas que pensam nela.

Auguro de coração, a quantos tiverem a bondade de ler estas páginas, de ouvir, através das palavras da Madre, a sua vigilante presença.

Renzo Allegri

CAPÍTULO 1

UM ENTENDIMENTO SINGULAR

O título deste livro, *Madre Teresa me disse*, é sem dúvida presunçoso. Reconheço-o. Talvez só alguém que viveu longo tempo próximo da Irmã de Calcutá empenhe-se numa temática desse tipo. Conheci Madre Teresa, entrevistei-a diversas vezes, nada mais. No entanto, a sua maneira, este título espelha uma extraordinária realidade.

PACIENTE E PRIVILEGIADO

Os jornalistas, graças a sua profissão, encontram-se frequentemente em situações que jamais teriam pensado viver. Durante quarenta anos fui enviado especial de grandes semanários e encontrei os personagens mais discrepantes: artistas, políticos, cientistas, campeões do esporte, estrelas, santos e assassinos. Uma galeria pitoresca e interminável.

Sobre esses personagens, escrevi muitíssimos artigos e fiz vários “furos”, que são como joias dentro de um jornal. Hoje os jornais compram essas histórias. E as compram por cifras vertiginosas. Houve um tempo em que esse tipo de mercado era raro. Para meus furos jornalísticos nada

foi pago. Consegui-os com meu trabalho e, sobretudo, com grande dose de sorte.

Apixonado por música clássica e lírica, tive durante vinte e cinco anos uma coluna num dos mais difundidos semanários, que me permitiram conhecer, entrevistar e conviver com grandes intérpretes, como Arturo Benediti Michelangeli, Salvatore Accardo, Uto Ughi, Carlo Maria Giuliani, Riccardo Muti, Gianandrea Gravazzeni, Mario Del Monaco, Tito Gobbi, Gino Bechi, Boris Cristoff, Giuseppe Di Stefano, Plácido Domingo, Renata Tebaldi, Luciano Pavarotti, Renata Scotto. A lista poderia continuar longamente.

Em 1973, Maria Callas, que era naquele momento uma das mulheres mais famosas do mundo, diretora da opera *I vespri siciliani*, estava em Turim para a inauguração do Nuovo Teatro Regio. Na véspera da “primeira” apresentação, reuniram-se ali mais de duzentos jornalistas da mídia impressa, da TV e do rádio, vindos de todo o mundo. Todos sonhavam poder conversar com a “divina”, mas Callas não falou com ninguém. Mas eu tive a sorte de dispor de três horas em uma sala do hotel e fazer uma longuíssima entrevista exclusiva com ela, que o meu jornal publicou em seis páginas.

Fui também o primeiro a noticiar o casamento de célebres casais do teatro, como Kátia Ricciari e Pippo Basudo, e Maurizio Constanzo e Maria De Filippi. Assunto que alimentou os jornais durante meses depois. E as notícias publicadas, como sempre, não foram constituídas por “disseram”, “ouvi dizer”, e coisas do tipo, mas por

ampla e tranquila entrevista, acompanhada de belo serviço fotográfico.

Como enviado, participei vinte e duas vezes consecutivas do Festival de Sanremo. Conheci praticamente todos os grandes gênios da música que passaram nesse Festival e sempre levei para casa importantes artigos que se tornaram capa.

Um dia entrevistei um jovem que assassinara a namorada com cinquenta e duas facadas. A polícia estava a sua procura, a rádio narrava o fato e recomendava atenção, porque ele era perigoso. Eu o encontrei durante a noite, onde estava escondido. Estava comigo um fotógrafo, que tirava fotos enquanto eu, com meu gravador em mãos, recolhia as confidências e a confissão daquele jovem. O semanário onde então eu trabalhava publicou depois minha fotografia com o homicida, com os dizeres: “O nosso enviado chega antes da polícia”.

O elenco seria longuíssimo. A coisa mais curiosa é que, quando me concentro para recordar, percebo que todos esses furos não foram frutos da minha habilidade, mas, sobretudo, da sorte. Fui sempre muito privilegiado na minha profissão. Paciente e afortunado. E isso aconteceu também em meus encontros com Madre Teresa.

QUINZE ANOS DE ESPERA

Em 1971, comecei a tentar entrevistá-la. Estava fascinado com a atividade e o carisma dessa Irmã, naquele tempo ainda pouco conhecida na Itália. Tinha lido a respeito dela, pela primeira vez, num artigo de Pier Paolo Pasolini,

e fui conquistado. Comecei, então, a pensar num encontro. Não desejava apenas uma simples e apressada entrevista, mas um longo colóquio para poder depois narrar sua vida em episódios. Desejo pretensioso.

Consegui realizá-lo em 1986, isto é, depois de quinze anos de espera. Mas, como sempre, também nessa ocasião a sorte estava ao meu lado.

De fato, entre mim e Madre Teresa nasceu certa confiança, ousou dizer, até, uma preciosa amizade que me permitiu encontrá-la diversas vezes, entrevistá-la outras tantas, viajar com ela, dar carona a ela em meu carro e obter também favores que jamais pensei que fossem possíveis, como, por exemplo, ser madrinha de Batismo da filha de um amigo, o cantor Al Bano, e também de cinco gêmeos romanos.

Foi Dom Paolo Hnilica, bispo eslovaco, residente em Roma, que me apresentou Madre Teresa. Era amigo dela e ajudou-a a abrir algumas casas de assistência aos pobres em Roma.

Um dia confidenciou-me que Madre Teresa, em geral muito esquiva e reservada, especialmente com os jornalistas, falava de bom grado comigo e me considerava uma espécie de afilhado. Dom Paolo também escreveu estas considerações no prefácio de outro livro meu sobre Madre Teresa. Eis suas palavras textuais, que conservo como uma preciosa recordação: “Há cerca de quinze anos apresentei a Madre Teresa o jornalista Renzo Allegri. Nesse primeiro encontro de Renzo com esta humilde e grande Irmã, em Roma, impressionou-me a atmosfera de confiança que logo se criou entre os dois. Também, creio não

exagerar ao dizer que, entre estas duas pessoas, se instaurou uma verdadeira sintonia espiritual que me surpreendeu e me alegrou. E a prova desse singular entendimento me foi dada pela própria Madre Teresa, que, em seguida, me disse sentir-se bem e ter apreciado muito o modo discreto e leal de Renzo de fazer jornalismo. Quem conheceu de perto Madre Teresa sabe bem que não era fácil para um jornalista aproximar-se desta figura luminosa e transparente, que fugia de qualquer tipo de publicidade, e muito menos receber dela semelhante elogio”.

Sempre senti e ainda sinto enorme reconhecimento pela bondade que Madre Teresa me dispensou e que certamente eu não merecia. Reconhecimento pelas entrevistas que me concedeu, pelas coisas extraordinárias que me contou de sua vida, por sua obra em favor dos pobres e, também, pelos amáveis conselhos dados, pelos quais, infelizmente, nem sempre tenho zelado.

Aqui, neste livro, procurei recolher as preciosas palavras da Madre Teresa e também seus gestos, suas ações, que eram, com frequência, mais eloquentes do que as próprias palavras. Desse modo, justifica-se o título do livro.

“COMO QUERO VOLTAR PARA CASA!”

No ano de 2010 comemorou-se os cem anos do nascimento de Teresa. Não está mais entre nós, mas, na verdade, ainda está viva, muito mais do que quando estava nesta terra. “A morte não é outra coisa senão passar de uma vida difícil de sofrimento a uma existência plena de

amor e de felicidade em Deus”, repetia com frequência. E o dizia com um tom que deixava qualquer pessoa sem ar.

Um dia lhe perguntei, de improviso:

– A senhora tem medo da morte?

Ela estava em Roma havia alguns dias. Encontrara-a algumas vezes e tinha ido vê-la antes de eu voltar para Milão.

Ela me olhou como se não tivesse entendido o motivo da pergunta. Pensei que fizera mal em falar de morte e procurei corrigir a expressão:

– Vejo-a descansada – disse. – Ontem, ao contrário, me parecia muito cansada.

– Sim, descansei bem – respondeu. – Nos últimos anos, sofri algumas intervenções cirúrgicas delicadas, como a do coração, e deveria cuidar-me, viajar menos, todos me dizem. Mas eu devo pensar na obra que Jesus me confiou. Quando não servir mais, ele mesmo vai me impedir.

E mudando totalmente o discurso, me perguntou:

– Onde você mora?

– Em Milão – respondi.

– Quando volta para casa?

– Espero que nesta mesma tarde – eu disse. – Quero tomar o último avião. Assim, como amanhã é sábado, posso ficar com minha família.

– Ah, vejo que está feliz de voltar para casa, para sua família – disse ela, sorrindo.

– Estou fora há quase uma semana – respondi, para justificar meu entusiasmo.

– Bem, bem – acrescentou a irmã. – É justo que esteja contente. Vai encontrar a sua esposa, suas crianças, seus amigos, sua casa. É justo que seja assim.

Ela permaneceu ainda em silêncio por alguns segundos e depois prosseguiu, retornando ao argumento da morte:

– Pois bem, veja, eu estaria contente como você se pudesse dizer que nesta tarde vou morrer. Morrendo também irei para casa. Irei ao paraíso. Irei encontrar Jesus. Eu consagrei minha vida a Jesus. Tornando-me religiosa, tornei-me a esposa de Jesus. Veja, trago a aliança no dedo como as mulheres casadas. Eu sou esposa de Jesus. Tudo o que faço aqui, sobre a terra, faço por amor a ele. Portanto, morrendo, voltarei para casa. Para o meu esposo. Além disso, no paraíso, encontrarei todos os meus entes queridos. Milhares de pessoas morreram nos meus braços. São já mais de quarenta anos que dedico minha vida aos doentes e moribundos. Eu e minhas Irmãs recolhemos pelas estradas, sobretudo na Índia, milhares e milhares de pessoas no fim da vida: nós as levamos para nossas casas e as ajudamos a morrer serenas. Muitas delas expiraram nos meus braços, enquanto sorria para elas e acariciava seus corpos trêmulos. Pois bem, quando eu morrer, vou encontrar todas essas pessoas. Estão lá me esperando. Queremo-nos bem nesses momentos difíceis. Continuamos a querer-nos bem na recordação. Quem sabe que festa farão ao me ver! Como posso ter medo da morte? Eu a desejo, a espero, porque, finalmente, me permitirá voltar para casa.

Jamais ouvi Madre Teresa falar tanto e com tanto entusiasmo. Ela, em geral, nas entrevistas e também nas conversas, era concisa, dava respostas breves e rápidas.

Naquela ocasião, para responder minha estranha pergunta, tinha entabulado um autêntico discurso. E, enquanto falava, seus olhos brilhavam de serenidade e felicidade surpreendentes.